

# Solidariedade dos Crucificados\*

## Eclesiogênese e credibilidade contextual

Ulrich Schoenborn

Toda ocupação com teologia do Terceiro Mundo inevitavelmente esbarra na problemática da transferência (**transfer**). Será que experiências e intuições de outros podem ser transplantados para dentro do próprio horizonte? A entusiástica acolhida de propostas de pensamento e práxis da teologia latino-americana de libertação, por exemplo, logo desemboca em frustrante aporia no momento em que passam despercebidos diferenças semânticas ou o peso específico de determinado argumento. Daí poderá ser muito proveitoso atentar para os processos teológicos de aprendizado evidenciados por diversas áreas de trabalho de uma igreja protestante em contexto latino-americano. Isto porque a crise da autocompreensão eclesiológica atingiu não só a igreja católica, mas também influenciou os numerosos grupos protestantes do continente. Desde o começo esteve virulenta a questão até que ponto as transferências são legítimas, se a própria autocompreensão necessita de impulsos provocadores de fora e como se comporta a tradição reformatória numa situação de opressão e cinismo. Tomando como exemplo a **Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil** (IECLB) tentaremos mostrar aqui os efeitos que a conscientização pode ter para a eclesiologia. Da complexa história e contraditória realidade desta que foi uma igreja de imigrantes, brotam promissoras tendências. Naquela medida em que comunidades permitem que o evangelho se encarne em sua realidade de vida, **cria-se** igreja. Por isso não é mais a generalizada frieza de envolvimento nem a contraditória forma de apresentação que determinam o que é igreja. Antes é assim que a relação com o Cristo

(\*) Título do original: **Solidarität der Gekreuzigten**.

crucificado e irmão dos impotentes leva à comunhão clara e autêntica. A questão da transferência perde então a tendência de buscar o que é aproveitável, para se especificar no sentido de buscar os **aspectos (Ort)** de igreja que podem ser transferidos, para neles criar igreja.

1. As 3 últimas décadas estão caracterizadas pelo despertar e pelo levante dos “malditos desta terra” (F. Fanon). **Pobres e marginalizados** conscientizam-se dos seus direitos humanos e lutam pela sua participação ativa na história. Na América Latina esse processo levou a uma crise na autocompreensão das igrejas cristãs estabelecidas (1). Num mundo de cinismo brutal e de inescrupulosa exploração, sua missão elementar de ser testemunha da justiça e lugar do amor assumiu relevância explosiva. Quando aplicada às igrejas, essa missão passou a questionar em função evangelizante as estruturas, os privilégios e o tratamento da tradição. É que, sustentada pelos pobres e marginalizados, a igreja à margem da igreja adquirira nova vida. Os pobres descobriram que são igreja e que trazem a mensagem libertadora. Sua perspectiva da esperança fez com que no **outro lado da história** surgisse a **visão de uma cristandade renovada**.

2. Esse processo, chamado de “eclesiogênese” por Leonardo Boff (2), apresenta-se de modo impressionante no fenômeno das “comunidades eclesiais de base” ou “comunidades cristãs populares”. Partindo de tímidos ensaios de reforma iniciados já antes

---

(1) Jether P. RAMALHO constata em sua introdução a **Zeichen der Hoffnung und Gerechtigkeit** (Berlim 1980, 2): “É sempre a mesma coisa: Quando a igreja se acomodou em seu ambiente social, quando ela dá maior prioridade a sua institucionalização e se preocupa com sua própria estrutura, considerando concluída a formulação teológica e definitiva a interpretação da Bíblia, levanta-se inexoravelmente o vento do Espírito Santo, que sacode a igreja de sua letargia e novamente questiona as suas posições prontas. Atualmente esse vento parece estar soprando violentamente na forma da força dos pobres, em suas queixas e reivindicações. A igreja aceita este desafio e começa a sentir claros sinais de um novo pentecoste”.

Cf. já Leonor OSSA, **Die Revolution — das ist ein Buch und ein freier Mensch. Zur Inkulturation des Christentums in Lateinamerika**, Hamburgo 1973, principalmente pp. 114ss.

(2) Cf. **Eclogênese. As comunidades eclesiais de base reinventam a Igreja**, Petrópolis 1977; em alemão: **Die Neuentdeckung der Kirche. Basisgemeinden in Lateinamerika**, Mainz 1980; o mesmo, **Aus dem Tal der Tränen ins gelobte Land. Der Weg der Kirche mit den Unterdrückten**, Düsseldorf 1982.

de Medellín, surgiu na América Latina um movimento (3) que divide as opiniões teológicas e políticas. Vida, pensamento e ação das **comunidades de base** foram objeto de discussão no IV Congresso da Associação Ecumênica dos Teólogos do Terceiro Mundo, reunido em São Paulo em 1980 (4). Aqui na Alemanha as comunidades de base latino-americanas são alvo de interesse e simpatia (5), também no meio protestante. Isto salta aos olhos nos programas das academias evangélicas, das comunidades estudantis evangélicas ou da produção editorial. Sobre as razões dessa simpatia seria preciso refletir em separado, pois não são exclusivamente os paralelos com a reforma ou mesmo com a comunidade primitiva que a motivam. Os simpatizantes protestantes na Europa não deveriam esquecer que as comunidades de base surgiram no contexto de tradições católicas e se limitam ao mesmo. Se é que ali se pratica ecumenismo na base, isto ainda não significa que elas buscam como ideal o neoprotestantismo ou o protestantismo mais recente (**Spätprotestantismus**) — “Religião sem decisão” — de procedência européia. Por outro lado a **autocompreensão eclesiológica ainda em plena formação** cria para os cristãos das CEBs consideráveis conflitos com a hierarquia regional e naturalmente também com Roma.

3. No âmbito do **protestantismo latino-americano** (6) desenrola-se processo análogo, com as devidas restrições geográ-

- 
- (3) Cf. Ulrich SCHOENBORN, *Das wandernde Gottesvolk der Gegenwart. Kirchliche Basisgemeinden in Lateinamerika*, in: **Gest und Leben**, caderno 3, 1982, pp. 185ss; bibliografia!
- (4) Sergio TORRES, John EAGLESON (Ed.), **The Challenge of Basic Christian Communities**, Nova Iorque 1981; o documento final da conferência, “Die Theologie der Unterdrückten” está incluído em Antonio REISER, Paul Gerhard SCHOENBORN, **Basisgemeinden und Befreiung**, Wuppertal 1981, pp. 259ss.
- (5) Cf. Norbert GREINACHER, **Die Kirche der Armen**, Munique 1980. Horst GOLDSTEIN, ed., **Befreiungstheologie als Herausforderung**, Düsseldorf 1981; ressalte-se ali o artigo do editor (pp. 139ss): **lateinamerikanische Basisgemeinden. Basis einer neuen Form von Kirche hierzulande?** Hubert FRANKENMÖLLE, ed., **Kirche von unten - Alternative Gemeinden**, Munique/Mainz 1981.
- (6) Heinz Joachim HELD, *Der lutherisch Beitrag zum Sendungsauftrag der Kirche in Lateinamerika*, in: **Die evangelische Diaspora**, 44, 1974, pp. 107ss; José Miguez BONINO, *Visão da mudança social e de suas tarefas por parte das Igrejas cristãs não-católicas*, in: **Fé Cristã e Transformação Social na América Latina. Encontro de El Escorial 1972**, Petrópolis 1977, pp. 160 ss; Walter ALTMANN, *Am Fuss des Kreuzes. Die Krise ekklesialer Identität und die Nonkonformität Christi*, in: **Jahrbuch des Martin Luther Bundes**, 24, 1977, pp. 82ss; Hermann BRANDT, *Auto-afirmação ou inconformidade? Reflexões sobre a identidade da IECLB*, in: **Tendências da Teologia no Brasil**, São Paulo 1977, pp. 33ss; *Protestantismo e Política no Brasil*, **Cadernos do ISER VII**, Rio de Ja-

ficas, estatísticas e culturais. Igrejas estão se **reposicionando**, aceitando o desafio que o avangelho e a realidade de vida lhes dirige. Antes de apresentar minha hipótese da eclesiogênese em credibilidade contextual com o exemplo da IECLB, delimitarei o horizonte com uma **observação prévia de caráter bíblico- meditativo**.

Impõe-se-me **Lc 23.23s, 39ss** como cena chave no caminho para o qual estão chamadas teologia e igreja na América Latina. Jesus de Nazaré expressiu sem meios- termos a justiça de Deus e dispensou o amor de Deus sem quaisquer condições. Como crucificado ele entra mais uma vez na vida pública criada pelo evangelho e mantém de pé a reivindicação contida no risco que ele assumiu. Ele se coloca irrestritamente do lado daquele que para ele apela e confessa sua identidade. Ele, a quem a sociedade repudiou e marginalizou, solidariza-se com o outro marginalizado. Aqui se abre a porta para nova compreensão do que é salvação (**Heil**).

Este texto vincula radicalmente à solidariedade dos crucificados a decisão entre esperança e desespero, culpa e perdão, juízo e libertação. A meu ver esta cena, que pertence ao material exclusivo de Lucas, apresenta não o modelo ideal e típico da conversão individualista, mas uma provocação endereçada à comunidade, no sentido de assumir o Senhor crucificado respectivamente de fazer uma opção.

Entre os produtos que a teologia alemã, exporta para o Terceiro Mundo estão as idéias de Bonhoeffer, e.o. o programa de uma "Igreja para os outros" (7) e ações de caráter pro-nominal que se

---

neiro 1977; José Miguez BONINO, *Fundamental Questions in Ecclesiology*, S. TORRES/ J. EAGLESON, (ver nota 4); pp. 145ss; Beatriz Melano COUCH, *New Visions of the Church in Latin America, A Protestant View*, in: S. TORRES/ J. EAGLESON, **The emergent Gospel. Theology from the Underside of History**, Nova Iorque 1978, pp. 193ss; Hans Jürgen PRIEN, *Die Herausbildung des gesellschaftlichen Bewusstseins im lateinamerikanischen protestantismus*, in: o mesmo, ed., **Lateinamerika: Gesellschaft, Kirche, Theologie, Vol. I. Aufbruch und Auseinandersetzung**, Göttingen 1981, pp. 305ss; Zwínglio M. Dias/ Rubem G. FERNANDES, *Protestantismo e Política*, in: **Tempo e Presença** 29, Rio de Janeiro 1981.

- (7) "A igreja somente é igreja quando existir para outros. Para começar, ela precisa doar todos os bens aos miseráveis". in: **Widerstand und Ergebung**, Gütersloh, 1980, 11ª edição, p. 193. Ernst LANGE apresentou num ensaio a "contribuição de Dietrich Bonhoeffer para a questão de uma forma responsável da Igreja no presente": *Kirche für andere*, in: **Evangelische Theologie** 27, 1967, pp. 513ss; cf. também Walter J. HOLLENWEGER, **Umgang mit Mythen. Interkulturelle Theologie II**, Munique 1982, pp. 29ss; E. FEIL/ I. TOEDT, ed., **Konsequenzen. Bonhoeffers Kirchenverständnis heute**, Munique 1980.

legitimam com Bonhoeffer. Também neste caso seria preciso esclarecer o que Bonhoeffer quis dizer, quais os verdadeiros motivos bem como se o caráter progressista (**Progressivität**) da fórmula utilizada não implica certa mistificação (**Verschleierung**). Os latino-americanos em todos os casos suspeitam que sem experimentar e sofrer a realidade, sem a leitura do evangelho a partir da visão do pobre, sem uma mudança de mentalidade (**Umkehr**), permanece preponderante nessa fórmula o pensamento paternalista (8). Lembrem eles que o "ser para os outros" está prefigurado na rota descendente de Jesus de Nazaré (cf. Fp 2.6ss) respectivamente na sua identificação com os pequenos e insignificantes (cf. Mt 25.31-45, **passim**). Daí é que deve partir toda tentativa de solidariedade, de existência pro-nominal. Mais ainda, **nas inúmeras cruces** e no sofrimento anônimo do povo latino-americano **está presente o crucificado**. (9) De entre os pobres e marginalizados ele vem de encontro às igrejas. O grito deles é o **seu** grito! Quem pretende anunciá-lo como salvador aos pobres, somente pode fazê-lo entrando no discipulado da cruz (**Kreuzesnachfolge**). Isto implica em renúncia a qualquer supremacia teológica eclesial, humildade de gestos e atos, despojamento (KENOSIS) e convivência.

4. Meu ponto de referência, **a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil** (IECLB), representa mais ou menos 1% de toda a população brasileira (cerca de 130 milhões). Essa classificação estatística representa ao mesmo tempo uma informação sociológica. Trata-se de uma **igreja** em situação de minoria. Ela vive à margem, na **periferia**, não no centro, e está exposta à síndrome de dependência. As pesquisas de Joachim Fischer (10), Hans- Jür-

---

(8) Cf. Hugo ASSMANN, *Iglesia desde los pobres*, in: **Cruz y Resurrección. Presencia y anuncio de una Iglesia nueva**, México, 1978, pp. 277ss.

(9) Isto é ressaltado principalmente no documento final de **Puebla** (cf. 20, 31--39); quanto à cristologia de Puebla, cf. Hans Jürgen PRIEN, in: **Lateinamerika. Gesellschaft, Kirche, Theologie. Vol. II. Der Streit um die Theologie der Befreiung**, Göttingen 1981, pp. 136ss.

(10) Joachim FISCHER, *Geschichte der Evangelischen Kirche Lutherischen Bekenntnisses in Brasilien*, in: J. FISCHER/ Ch. JAHN, **Es Begann am Rio dos Sinos**, Erlangen 1970, 2ª edição, pp. 83 ss; o mesmo, *Identidade e esperança*, in: **Estudos Teológicos**, XVII, 1977, pp. 5ss.

gen Prien (11) e Martin Dreher (12) sobre a história da IECLB confirmam, no caso isolado, o juízo que Darcy Ribeiro (13) ou Enrique Dussel emitiram a respeito de todo o continente. Este último escreve em sua "Historia de la Iglesia en América Latina" (1972): "Na América colonial ou neocolonial, existência humana latino-americana desde sempre tem significado existência dominada, oprimida. Ontologicamente a pessoa americana sofre a condição de desvantagem, de um ser inferior, escravo de alguma maneira, quer seja o índio em relação ao dono de capitania, quer seja o crioulo em relação ao espanhol, quer seja o espanhol colonial em relação ao metropolitano, quer seja o povo latino-americano ou sua oligarquia em relação à Europa e América do Norte" (14). A estrutura do "em relação a" desde a imigração marginalizou os luteranos em termos geográficos, étnicos, sociais, econômicos, políticos, jurídicos, religiosos e educacionais (14<sup>a</sup>). Não estranha, portanto, que a igreja procurasse uma saída dessa situação de gueto, buscando-a na preservação da germanidade, na difusão de idéias liberais ou no preenchimento de uma lacuna na área da educação. Todas as três tentativas tiveram efeitos históricos, sendo que os problemas surgiram justamente com a preservação da germanidade (15), ao passo que na área da educação e instrução houve êxitos (16).

- 
- (11) Hans Jürgen PRIEN, Identität und Entwicklungsproblematik — Die EKLBB in: U. DUCHROW, editor, **Zwei Reiche und Regimente**, Gütersloh 1977, pp. 189ss; o mesmo, **Die Geschichte des Christentums in Lateinamerika**, Göttingen 1978; o mesmo, editor, **Lateinamerika. Gesellschaft, Kirche, Theologie**, 2 vols., Göttingen 1981.
- (12) Martin N. DREHER, **Kirche und Deutschtum in der Entwicklung der IECLB/ EKLBB**, Göttingen 1978; cf. também Gerd Uwe KLEWER, A IECLB e o Estado Brasileiro, in: **Protestantismo e Política no Brasil**, (ver nota 6, pp. 3ss).
- (13) Darcy RIBEIRO, **Unterentwicklung, Kultur und Zivilisation**, Frankfurt/ M. 1977, p. ex., pp. 13ss, pp. 315ss.
- (14) Enrique DUSSEL, citado conforme H.J. PRIEN, (ver nota 11), 1978, p. 19.
- (14a) Observa-se que o fenômeno da marginalização é mais complexo do que está apresentado neste esboço fragmentário. Não obstante o conceito é usado aqui em função da tendência específica.
- (15) Cf. Hartwig WEBER, **Die Opfer des Kolumbus: 500 Jahre Gewalt und Hoffnung. Geschichte und Gegenwart Südamerikas**, Hamburgo 1982, pp. 257ss.
- (16) Isto é ressaltado por H.J. PRIEN (ver nota 11) 1978, pp. 763ss; cf. também a análise de Zwinglio M. DIAS, **Krisen und Aufgaben im Brasilianischen Protestantismus**, Frankfurt/ M., 1978, p. 126: "Ao passo que o sistema educacional tradicional do país estava orientado para uma formação enciclopédia, caracterizando-se portanto por uma separação nítida entre alunos e professores, as instituições protestantes de ensino trouxeram novos métodos pedagógicos. Elas estavam voltadas para o desenvolvimento intelectual de cada estudante e por isso deixavam-se guiar por métodos pragmáticos de ensino e por uma relação democrática entre professor e aluno. Este papel pio-

Após novo choque de marginalização ocasionado pela Segunda Guerra Mundial, delineou-se mais concretamente o alvo de tornar-se “Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil”. Em 1949 as comunidades associadas em sínodos uniram-se numa **federação**. “O período de igreja de imigrantes alemães, a qual por sua natureza se dedicou preponderantemente à atividade de congregar e preservar, aproxima-se do seu final. Em seu lugar está uma igreja que, na qualidade de igreja autóctone, sabe-se responsável pelo país e pela tarefa de, neste país, levar a mensagem do evangelho a todas as pessoas, sem distinção, hoje e em todo o futuro” — é o que consta no protocolo (17). Em 1968, ano de Medellín, dá-se a **união** dos sínodos em uma igreja, a IECLB. Estava aberto o caminho para a formação de igreja no Brasil, e em termos de programa e organização pusera-se um fim à vocação de ser igreja dos alemães. A meu ver a **Faculdade de Teologia** (fundada em 1946 em São Leopoldo, RS, como estabelecimento de formação dos futuros pastores) assumiu a difícil função de ser o cenário onde a igreja tateante e ocupada consigo mesmo chocou-se, pela primeira vez com a **realidade brasileira**. O **processo de mediação** (18) não é retilíneo, não se desenrola sem conflitos e dores, mas demonstra admiráveis energias.

Impulsos decisivos surgiram na última década. Em 1970 a V Assembléia Geral da Federação Luterana Mundial estava prevista para Porto Alegre, RS. Foi no auge da era Médici, dos excessos da repressão e ditadura. Face à pressão internacional, e para desgosto da IECLB, a conferência foi transferida para Évian. Na IECLB houve o sentimento de não ser compreendida e de perder uma chance de se posicionar. É que a igreja havia preparado um programa adjunto que voltaria as atenções para a violação dos direitos humanos no país. Aquela decisão, entretanto, não pôde impedir que surgisse o “Manifesto de Curitiba”, no qual pela primeira vez a

---

neiro na área educacional desempenhou uma função importante na transformação social. No momento precioso em que o país se encontrava numa fase de transição, os chamados ‘colégios protestantes’ forneceram grande número de quadros bem instruídos, que estavam em condições de fazer jus às novas exigências da sociedade urbana industrial em vias de surgimento”.

(17) Citado conforme H. J. PRIEN (ver nota 11) 1978, p. 762.

(18) Exemplos bem recentes são a tomada de posição “O Evangelho e nós”, in: **Estudos Teológicos** XVIII, 1978, pp. 50 ss; ou a discussão relacionada com o caso de exorcismo no ano passado; cf. também Nelson KIRST. Por que formação teológica em residência, in: **Estudos Teológicos**, XVII, 1977, pp. 25ss.

igreja vinha a público com uma manifestação política e conclamava à observação dos direitos humanos. Debates em torno da responsabilidade social se cristalizaram em 1976 num **estudo** que causou grande sensação (19). Desde então observa-se uma **consientização cada vez maior** nos pronunciamentos da igreja e o distanciamento de uma doutrina dos dois reinos entendida erroneamente.

A IECLB aceitou como tarefa a sua **identidade na realidade brasileira**. Renunciando a uma solução dogmática e acolhendo elementos de sua própria história de marginalização, ela está enveredando pelo **caminho rumo ao povo**. Trata-se de um caminho que adquire seu perfil ao ser trilhado e em seus conflitos; esse caminho de forma alguma já chegou a seu alvo. Ao se **renunciar a um caminho de demonstração de força** (20) manifesta-se fragilidade (*Verletzlichkeit*). Mas aí é que justamente está o que a situação tem de promissor.

Estou cômico de que os representantes da pluriformidade chamarão de unilateral minha ênfase sobre o **caminho para a base em despojamento e convivência** como **característica a identificar a igreja luterana**. Contrastando com a dificuldade comprometida do pluralismo, constato que aquele caminho tem caráter unívoco. Trata-se daquele **caráter unívoco da radicalidade que faz jus ao evangelho**, caráter este que, para falar com José Miguez Bonino (21), pretende ser apenas "uma nota de rodapé no caminho da fé em nosso continente", uma nota "cuidadosamente redigida", entretanto.

Querer ser igreja para os outros em credibilidade contextual deve significar, afinal de contas, **orientar-se naquele que morreu como marginalizado fora da muralha protetora da cidade**, como expulso da sociedade. "Nossa esperança", diz J. Fischer, "está em que esse marginalizado conosco se identifique em nossa situação de marginalização" (22). A **igreja para os outros** acaba se especificando como **formação de igreja a partir dos pobres e junto com os pobres**.

(19) Cf. H. J. PRIEN (ver nota 11) 1978, pp. 766s; H. BRANDT, (ver nota 6) 1977, pp. 49 ss; texto português in: **Cadernos do ISER** (ver nota 6), pp. 15ss.

(20) Isto é o que salienta Hermann BRANDT, Die theologische Situation in Lateinamerika, in: **Die evangelische Diaspora**, 50, 1980, pp. 63ss, especialmente 66s.

(21) Citado em H. J. HELD (ver nota 6) p. 123.

(22) Joachim FISCHER (ver nota 10) 1977, p. 16.



5. Essa **mudança de posição** leva conseqüentemente a uma **pastoral de convivência**, da qual delinearei 3 áreas como exemplo: missão suburbana, missão indígena e pastoral da terra.

a) Em conseqüência da industrialização crescente e da ampliação dos centros urbanos surgiu no Brasil o fenômeno da “migração interna”. Milhões de pessoas saíram do interior do país para ir morar nas cidades, tocados pela esperança de ali encontrar trabalho, moradia e instrução. O desnível desde sempre já existente entre cidades e interior assumiu proporções catastróficas no momento em que a agricultura passou a ser feita em escala industrial e os pequenos agricultores e meeiros tiveram que ceder à pressão expansionista (ver abaixo).

Ao redor das cidades estendem-se em anéis concêntricos as favelas e os bairros, nos quais as pessoas mais vegetam do que vivem. Ali se localiza a **missão suburbana**. Muitas vezes o trabalho inicia como atividade diaconal caritativa de uma comunidade urbana em favor dos irmãos de fé empobrecidos. Não demora, e a dinâmica própria do local estabelece outro estilo de vida e de trabalho. Em **Alvorada**, subúrbio de Porto Alegre, RS, reuniu-se no centro comunitário uma comunidade aberta e de orientação ecumênica. Uma equipe de colaboradores permanentes e de pessoas que ajudam espontaneamente **participa do cotidiano** das pessoas. Quem mora em Alvorada pertence à população trabalhadora da metrópole. Ele vive na **periferia**, produz o bem estar do centro, mas deste não participa. A infra-estrutura do meio em que vive está marcada por **deficiências** no atendimento médico, na higiene, nas oportunidades de instrução, e pelos excessos da polícia, pela carência em todas as necessidades básicas. No centro se reúnem e.o. grupos de reflexão, famílias, movimento “Justiça e Não-Violência”, para falar sobre as questões que atingem a todos. Oferecem-se cursos profissionalizantes, consultas médicas, serviço de creche e uma cozinha comum. Uma vez que a equipe conhece muito bem o sentido e as limitações da ação caritativa, em todos os grupos, oportunidades e serviços cuida-se muito que **as pessoas atingidas tomem iniciativa**, respectivamente se garantam os efeitos de aprendizado do trabalho em comunidade. A sensação de valor próprio surge nas pessoas naquela medida em que elas próprias modificam e dão forma ao meio em que vivem. Estas coisas estão descritas no relato “Comunidade dos Pobres”. (23)

(23) Knut WELLMANN (até 1980 pastor no centro comunitário de Alvorada) Gemeinde der

“Em 30 de maio... nosso pessoal, tomou de assalto’ o palácio do governador. Era a primeira vez que isto acontecia na história mais recente — dizia o jornal — embora tivéssemos entrado e subido as escadas como se fôssemos convidados. Acontece que alguns deputados que nos ajudavam haviam providenciado esse encontro com o governador, que o pegou de surpresa. Nossa associação de moradores pediu ao governador torneiras públicas e o direito de continuar morando nos terrenos ocupados sem qualquer legalização, depois que todos os nossos contatos com o nosso prefeito não haviam dado resultado. Entrementes as torneiras estão instaladas e o direito de moradia está garantido por 5 anos, para começar”. (24)

Durante ampla greve de operários de construção o centro virou ponto de reunião dos grevistas, onde podiam descansar, discutir e receber as doações de gêneros para as suas famílias.

O grupo “Justiça e Não-Violência” dedicou seus esforços a um problema de grande urgência. Sem nenhum hospital, os 120.000 habitantes de Alvorada estavam entregues à fatalidade. Isto que as salas da prefeitura guardavam todo o equipamento de uma enfermaria doada pelo governo americano após o final da guerra do Vietnã. Com campanhas de cartas, demonstrações e pressões sobre o prefeito o grupo trouxe a público aquilo que era do interesse de todos. **Perseverança** é que superou a insensibilidade dos políticos responsáveis e fez com que a obra fosse iniciada.

No interior da capelinha do centro comunitário pode-se ver a figura de um paralítico sendo baixado do teto, por amigos, até os pés de Jesus. Nessa história do evangelho (cf. Mc 2.1-12 par.) a comunidade enxerga um símbolo da esperança e uma motivação para resistir à apatia, porque ela já passou por muitas **experiências de libertação**. O nome do bairro, “Alvorada”, tem ali um lugar vivencial autêntico.

O procedimento do grupo de Alvorada é também o procedimento de grupos de serviço em São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Belém e de outros lugares. Desafiados pela situação, eles abandonam uma concepção de cristianismo que não mais se cons-

---

Armen, in: **Jahrbuch des Ev. — Luth. Missionswerkes in Niedersachsen (ELM)**, Hermannsburg 1981, pp. 41ss.

(24) Op. cit., p.41.

(25) Cf. op. cit., p.44.

cientiza do seu condicionamento burguês e forçosamente distorce, por isso, o evangelho. Quem trabalha na **convivência** com os pobres sempre já fez uma **opção a favor dos pobres e contra a pobreza**. Ele reconheceu que, em termos teológicos, a situação dos pobres não corresponde à vontade de Deus, mesmo que, em termos econômicos, faça parte do programa do progresso. A partir dessa intuição surge o **dever de esclarecer e conscientizar as pessoas**, ações estas que passam a ser mais do que naturais por amor da dignidade humana e da vontade unívoca de Deus (26) (**Eindeutigkeit Gottes**).

No contato direto com a carência urgente não sobra tempo para desenvolver uma teoria revolucionária. Fica inclusive duvidoso se esse alvo merece ser buscado. Acontece que, antes de qualquer etapa teórica, instala-se novo fenômeno. A convivência entre colaboradores e carentes de ajuda, entre os que ensinam e os que aprendem, leva a um **intercâmbio de talentos**, de conhecimentos e competência. A partir de baixo, da base, surgem novas estruturas e uma **civilização do amor**. (27) A comunhão vira uma situação de relações humanas livres de dominação e cria horizontes de aprendizado. Cada qual traz a sua contribuição para o processo de crescimento. Os que têm formação teológica precisam partir da premissa de que “Deus sempre já está atuando em cada indivíduo e em cada grupo humano”. (28) Provavelmente os especialistas

(26) Cf. o mesmo, Überlegungen zur Arbeit in Alvorada, in: **Jahrbuch 1979 des ELM**, Hermannsburg 1979, p. 65: “Eles precisam... ficar sabendo que não é por causa do destino, da vontade de Deus ou mesmo por causa de dificuldades de natureza objetiva ou por causa da incapacidade de um governo em si bem intencionado que eles são pobres e miseráveis, e sim por causa dos interesses bem concretos de um grupo relativamente pequeno que está no poder e explora os outros. Alguma forma de esclarecimento parece ser nosso dever para com a sua dignidade humana. Eles precisam... enxergar os fatores que compõem a situação. Caso contrário acaba-se destruindo a noção de justiça e injustiça, não só em termos amplos, mas também no nível pessoal, reduzido. E com certeza virão depois as conseqüências, caso uma comunidade aplicar a promessa de Deus não à realidade efetiva, mas a uma realidade amenizada. A fé então se relaciona com uma ilusão. Deus não há de querer que a pessoa se entorpeça para poder ater-se a suas promessas, que a pessoa sofra e creia ofuscada, em vez de consciente. Com certeza também não está certo transferir para Deus aquelas tribulações causadas por pessoas. Não é Deus o culpado da miséria das massas, mas algumas pessoas egoístas. O problema de Deus, as tribulações causadas por ele somente começam quando enfrentamos essas pessoas”.

(27) Este é o objetivo declarado da pastoral motivada a partir de **Puebla** (cf. pp. 490, 642, 1188 passim).

(28) Knut WELLMANN, op. cit., p. 66; cf. Clodovis BOFF, Gegen die Knechtschaft des rationalen Wissens. Ein neues Verhältnis zwischen der Wissenschaft der Theologen und der Weisheit des Volkes, in: H. GOLDSTEIN, ed., **Befreiungstheologie** (ver nota 5), pp.

são os que precisam enfrentar a tarefa mais difícil, quando querem encontrar seu papel dentro da comunhão. Como **parteiros da humanização** e na luta contra a autoridade entendida erroneamente eles, entretanto, não deixam de achar sua identidade. Expressão da libertação é em todos o **culto divino no cotidiano do mundo**. Ele proporciona refúgio ante os perseguidores, aconchego, coragem para se pôr a caminho, e comunhão. “No culto celebramos e vivemos — com todas as ressalvas — a vinda do reino de Deus e a transformação, quiçá percebida, da sociedade”. (29)

b) Afora algumas exceções, no passado a IECLB não empreendera qualquer iniciativa no sentido de transcender os próprios limites. **Missão** não era do seu interesse. À abertura de novas áreas de colonização no Mato Grosso, Rondônia e Amazônia mudou a situação. Acontece que de repente a temática do índio passara a ser foco de discussão pública e internacional. Direitos elementares dos índios estavam sendo feridos e ameaçados de morte pela política econômica estatal (ou seja, pela expansão da indústria voltada para a exportação). Mesmo o Jornal do Brasil, liberal, não pôde deixar de expôr como absurdo o protesto de alguns políticos de Rondônia contra as reivindicações dos índios pela terra. “Eles protestam contra o fato de uma comunidade de 200 pessoas possuir 200 mil hectares, mas se esquecem de mencionar de que em seu próprio estado uma única pessoa possui muito mais terra do que qualquer comunidade: eles esquecem os latifúndios.” (30)

Cometeram-se atos de violência e sangue contra os índios. Alguns dos seus porta-vozes morreram em circunstâncias misteriosas. Defensores de sua causa, como P. Lunkenbein, foram assassinados. O chefe da FUNAI, coronel João Carlos Nobre da Veiga, (30 a) queixou-se publicamente do estado desolado de sua instituição. (31) A política que o Estado brasileiro promovia em relação ao ín-

---

108ss. Aqui está um problema ainda por ser elaborado pela teologia protestante, assim expresso por Manas BUTHELEZI: “A proclamação trouxe... a mensagem de um Deus que já estava lá”.

(29) Knut WELLMANN, op. cit., p. 67.

(30) Citado em Hermann BRANDT, ed. **Die Glut kommt von unten**, Neukirchen 1981, p. 28.

(30a) Ele se demitiu em 1981; cf, **Brasilien Nachrichten** 7/8, 1981, pp. 219s.

(31) Walter SASS, Freud und Leiden der Kolonisten, in: **Jahrbuch der ELM**, Hermannsburg 1981, pp. 35 ss cita Coronel João Carlos Nobre da Veiga conforme ‘Isto É’ (1980): “Herdei uma instituição em ruínas, cheia de corrupção. Mudam até o nome dos rios para reduzir o tamanho das áreas indígenas. Hoje aqueles que se deixaram subornar são proprietários de grandes latifúndios, constróem para si mansões nos mais finos bairros de Brasília e são proprietários de postos de gasolina”.

dio passou a ser maciçamente condenada, porque não era mais possível distinguir entre seu programa de “emancipação” e o genocídio programado.

Dentre a série de pastores mais jovens que contam como expoentes de uma pastoral de convivência, estão **Roberto Zwetsch** e sua esposa **Lori Altmann**. De setembro de 1978 até outubro (1979) eles viveram entre os Suruí em Rondônia, até serem expulsos pela FUNAI. Sobre este período há cartas, entrevistas e um relato da experiência. (32) É material que presta contas sobre o trabalho entre os índios e apresenta informações etnológicas e antropológicas. Lori e Roberto entendem seu trabalho como **evangelização**. Pergunta-se, então, pelos conteúdos da mesma, já que ela desembocou em expulsão.

Eis o que escrevem: “Fomos de encontro a eles, participamos de suas atividades individuais e comunitárias, aprendemos sua língua e sua cultura. Procuramos fazer jus à autenticidade dos Paiterey. Tudo isso com muita paciência e humildade”. (33) E na medida em que isto estiver dentro das possibilidades de gente branco, fizeram da vida desse povo a sua causa. Entre os índios eles quiseram ser “presença evangélica” (34). Entretanto **não naquela conhecida forma de portador de uma mensagem, que despoja** o destinatário de sua individualidade inconfundível, **para transformá-lo em escravo** de uma fé alienada do contexto. Antes eles partiram da premissa de que o “índio tem uma mensagem para nós”. (35) Parece paradoxal, mas esses missionários se entendem como “servidores do evangelho que já está no mundo”. (36) Seguindo esta lógica, chega-se inexoravelmente à conclusão tirada por Lori e Roberto: “Se o evangelho é boa nova para os índios, então nossa tarefa somente pode ser a de cuidar que o índio seja

---

(32) In: Hermans BRANDT (ver nota 30, pp. 21ss); Roberto ZWETSCH/ Lori ALTMANN, **Paiter. O povo Suruí e o compromisso missionário**, 1980; e ainda: Missões evangélicas com índios e lavradores. **Cadernos do CEDI V**, Rio de Janeiro 1980, principalmente pp. 11ss. e 16ss.

(33) In: H. BRANDT, op. cit., p. 24s

(34) In: Missões Evangélicas, op. cit., p.16

(35) *Ibid.*

(36) *Op. cit.*, p.17

mais índio". (37) Por este meio eles também esperavam consertar a desfigurada imagem do cristianismo e despertar uma consciência das forças libertadoras do evangelho também fora dos limites do seu campo de trabalho.

Como sinal de **aceitação**, os índios construíram para eles uma palhoça na aldeia. Queriam que morassem com eles. Expressão ainda mais forte de sua **acolhida** nessa comunidade é o fato de a tribo ter escolhido o nome da recém-nascida filha dos dois.

Apenas por um ano os dois puderam trabalhar entre os Suruí. Foram expulsos da reserva, pela FUNAI, sem indicação de motivos. Esse ato de arbitrariedade se explica pela inconciliabilidade das posições políticas e pelo **conflito de imagens antropológicas (Menschenbilder)**. Numa carta de Natal (38), Lori e Roberto escreveram em 1978: "Se queremos encontrar ao Deus verdadeiro, precisamos despojar-nos de tudo aquilo que nos prende a nós mesmos... e voltar não só nossos olhos, mas todo o nosso ser 'para baixo', para ali onde Deus se nos depara no mais miserável de nossos irmãos". De forma conseqüente eles seguem a identificação de Jesus com os pobres e pequeninos (Mt 25.30ss passim), adotam elementos da teologia paulina (Fp 2.6ss) e **soletram**, sob empenho da própria vida, **a mensagem do evangelho** — justiça e amor — **na realidade de vida dos Suruí**. Sua atuação é resposta à situação do povo e à provocação do evangelho: "Somos desafiados para a lealdade. Essa lealdade é o que o povo de nós exige, a lealdade que o evangelho nos ensina e de nós reclama". (39)

Semelhante **opção** necessariamente leva a **conflitos**. Os poderosos vêem na evangelização um "fator de perturbação" e um "empecilho para o avanço das firmas capitalistas nacionais e internacionais". Foi o CIMI que, com essa interpretação política, citara as verdadeiras razões para a expulsão de Lori e Roberto. Dom José Gomes e D. Tomás Balduino concluem sua declaração de solidariedade: "Eles (sc. Lori e Roberto) representam autêntico cristianismo libertador: por intermédio deles anuncia-se esperança em meio a um povo que grita por justiça". (40)

(37) *Ibid.*; cf. Günter Paulo SÜSS, Die Früchte der Ausbeutung nicht länger genießen — Indianerpastoral in Lateinamerika als Anfrage und Herausforderung, in: H. GOLDSTEIN, ed., **Befreiungstheologie** (ver nota 5; pp. 91ss); o mesmo, **Wir versuchen die Stimme der Indianer zu sein; Informationen Misereor**, Aachen 1981, 4ª ed., pp., 22ss.

(38) In: H. BRANDT, *op. cit.*, p. 23s

(39) In: H. BRANDT, *op. cit.*, p. 29

(40) A declaração de solidariedade está reproduzida em: **Paíter** (ver nota 32) pp. 126 ss e H. BRANDT, *op. cit.*, pp. 26ss.

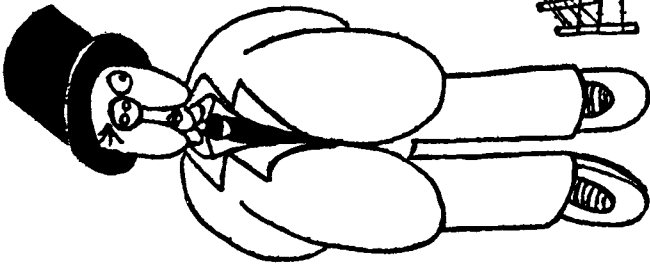
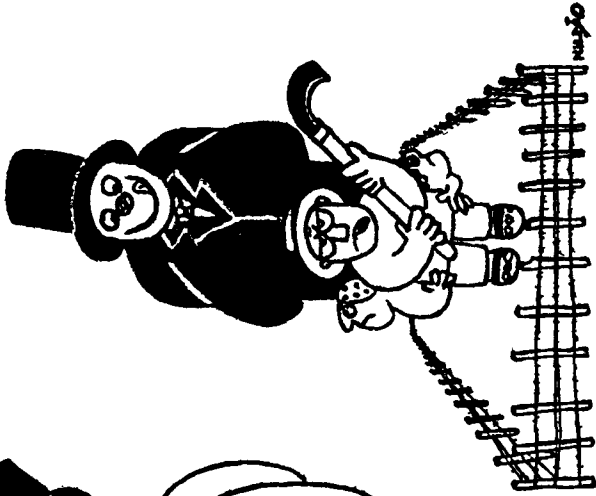
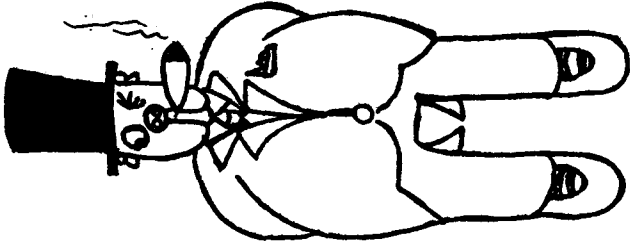
Desde então tem-se aprofundado a colaboração de forças ecumênicas no CIMI. Entrementes Lori e Roberto trabalham entre o povo dos Kulina no Acre.

c) Como é que no Brasil a **falta de terras** pode virar tema, quando afinal, existe **terra suficiente para todos**? — Ouçamos o que dizem os atingidos: “Donde é que vem toda essa confusão aqui, bem eu acho que é por causa da sociedade. Aqui não tem terra. Eles falam do norte, do Mato Grosso. Todos querem ganhar mais dinheiro, e mesmo quem tem seu pedacinho de terra, desiste. Eles querem melhorar e comprar um pedaço de terra maior. E então eles vão embora e dão com a cara no chão. Acontece que lá tudo é diferente. E sempre há essas dificuldades com os contratos. Os grandes pressionam os pequenos. Isso vem bem de cima, daqueles que fazem as leis, e quando os trabalhadores ganham algo com isso, então só mesmo no papel. Os trabalhadores são uns ingênuos; eles têm seu pedacinho de terra e a vendem para os fazendeiros, e esses aumentam cada vez mais os seus latifúndios. E os pequenos não se juntam com os outros que são como eles”. (41) A **ladainha** de queixas não tem fim. Tão fundamental em tudo isso é: “Os que vivem da terra, não têm terra”.

Em conseqüência da **migração interna** (consta que anualmente 30 a 40 milhões de pessoas estão a caminho, sem casa e trabalho, sem terra e aconchego) muitas comunidades foram deslocadas do sul para o norte, e do leste para o oeste, para dentro das novas áreas de colonização. No Paraná, no Mato Grosso e Rondônia surgiram da noite para o dia cidades com os típicos fenômenos da **perda de raízes** sob influência capitalista (quebra das tradições, famílias desfeitas, ausência do direito, arbítrio por parte de certas pessoas particulares, exploração da situação difícil). Uma **caricatura** (42) ilustra muito bem como os novos colonos são aproveitados. Cercados numa gleba, eles têm que fazer o desmatamento e tornar a terra aproveitável, enquanto os representantes do capital, de modo suspeito e do outro lado da cerca, acompanham o andamento das coisas. Depois que tramóias fraudulentas, práticas creditícias desonestas, para não falar das doenças e deficiências humanas, acabam arruinando financeiramente o colono, os latifúndios tomam conta da terra. Particularmente trágico é

(41) Segundo H. BRANDT, op. cit., p. 130

(42) AQUI ENTRA GRAVURA, p.22





quando a expansão do latifúndio afasta os novos colonos para dentro das áreas indígenas. Dois tipos de marginalização são acosados um contra o outro enquanto interesseiros e especuladores ficam à espreita, esperando que assim os problemas sejam solucionadas em sua própria vantagem.

Diante desses fatos cínicos muito cedo (43) houve pastores que reagirem e induziram a direção da igreja a liberar colegas para o serviço entre colonos e migrantes. (44) De forma muito natural esse trabalho levou à cooperação com a **pastoral da terra**, grupo de trabalho instituído pela CNBB que apóia solidariamente os pobres nas áreas de tensão. A pastoral da terra empenha-se pela legalização clara da posse da terra; pela associação em representações cooperativistas de interesses frente ao intermediário e aos bancos; pela criação de infra-estrutura nas áreas de colonização; por condições dignas com escolas, atendimento médico e aconselhamento agrícola. Os nomes Itaipu (PR, hidroelétrica) e Ronda Alta, RS, (expulsão da terra) (45) exemplificam o contexto no qual se desenvolve **ecumenismo a partir dos pobres**.

Aos olhos de uma política de desenvolvimento orientada para a eficiência, esse trabalho parece uma ação impotente. Apesar de experiências frustrantes, **convivência, ecumenismo e luta por justiça não dão num beco sem saída**. Afinal o caminho não foi planejado de cima para baixo. Antes, todos os dias se pisa solo novo, no qual **se cria igreja**. Os pobres se reúnem para vida comunitária em reflexão, celebração, meditação bíblica, mutirão, cursos supletivos e convívio puro e simples. "O que nos alegra", consta num relato de Rôndonia, "é que entram na comunidade pessoas que, como dizem, antes 'nem eram' (46). No novo ambiente elas experimentam de forma autêntica e benéfica que não são um nada, e sim filhos de Deus, chamados para a liberdade (cf. Gl 5.1ss). A partir da convivência manifesta-se contra toda tristeza e sofrimento, aquela coragem de "ter no coração e realizar a visão da

(43) Cf. Hermann BRANDT (ver nota 20) pp. 68s; Wilfried BUCHWEITZ, Que é Igreja? Reminiscência — observações — perspectivas, in: **Estudos Teológicos**, XVIII, 1978, pp. 65ss; Walter ALTMANN, Algumas experiências de base na IECLB, in: **Tempo e Presença**, n° 159, 1980, pp. 3ss.

(44) Cf. Hans TREIN, Novas áreas de colonização, e Werner FUCHS, A IECLB e a pastoral da terra; ambos os artigos in: **Revista do Cem**, V, 1982, n°1, pp. 27ss, 60ss.

(45) Cf. Hildegard STALLKAMP, Ronda Alta — Geschichte einer permanenten Vertreibung; in: **Brasilien Nachrichten**, caderno 7/8, 1981, pp. 209 ss.

(46) Werner SASS (ver nota 31) p. 39.

revelação e a visão do do Jesus de Nazaré relativa à comunhão de compreensão recíproca, de amor e de justiça". (47)

Em 1982 a IECLB teve como tema do ano: "Terra de Deus — Terra para todos" (cf. Salmo 24.1). Assim uma direção de igreja luterana não só está tomando posição face a processos políticos atuais, mas acentua uma problemática fatal para toda uma nação. A quantidade de material até agora publicado em forma de panfletos, jornais comunitários, auxílios práticos, canções e orações (48) dá prova da sinceridade do engajamento e sinaliza a opção de uma igreja pela caminhada ao lado dos pobres. Desde as ocorrências em Colorado do Oeste, em Rondônia (49), que envolveram membros da IECLB, essa opção recebeu cada vez mais apoio.

Não caberia no presente artigo mencionar e expôr com a mesma amplitude todos os **sinais** que testificam a crescente **orientação de base** dentro da IECLB: posicionamento da direção da igreja sobre projetos de represas no rio uruguai; palavras de advertência face ao fato de o Brasil estar se tornando o maior produtor de armas do Terceiro Mundo; participação no debate sobre a ecologia ao dar a palavra aos verdadeiros peritos no assunto nos meios de comunicação e nos espaços da igreja ou ao instalar centros de aconselhamento para questões agrícolas; conscientização entre os pastores ou trabalho pioneiro das diaconisas. A solidariedade com a realidade de vida dos pobres leva a igreja a uma avaliação auto-crítica, solapa as bases de uma dogmática burguesa e idealista (50), mas também traz intuição e impulso. "Jesus Cristo

---

(47) *Ibd.*

(48) Por exemplo: **A Enxada. Boletim do distrito eclesiástico sul do Espírito Santo**; A questão agrária no Brasil, Faculdade de Teologia da IECLB, São Leopoldo 1981; Terra de Deus — Terra para todos. **Temas atuais VII**, São Leopoldo 1982; Terra de Deus — Terra para todos. **Auxílios práticos nº 1**, São Leopoldo 1982; **Terra de Deus — Terra para todos. Uma encruzilhada**, São Leopoldo 1982.

(49) Cf. **Informação IECLB** nº 43, Abril/Maio/Junho de 1982; Ulrich SCHOENBORN, *Konflikt um die Landreform*, in: **Neue Stimme**, agosto 1982, pp. 8s.

(50) Quanto ao fenômeno da consciência burguesa (**bürgerliches Bewusstsein**), cf. p. ex. Bernhard GROETHUYSEN, **Die Entstehung der bürgerlichen Welt — und Lebensanschauung in Frankreich**, 2 vols., Frankfurt/M 1978, Vol. II, pp. 214s; Dieter SCHELLONG, *Von der bürgerlichen Gefangenschaft des kirchlichen Bewusstseins*, in: G. KEHRER, **Zur Religionsgeschichte in der BRD**, Munique 1980. Em conseqüência da situação de minoria e da busca por reconhecimento social, os grupos protestantes na América Latina (encontravam-se e) encontram-se no perigo de se adaptarem à situação social dominante. Uma vez bem sucedido este processo (alimentado, entre outros fatores, pelo conflito entre Estado e Igreja Católica) a crítica profética e o protesto religioso tendem a desaparecer. A radicalidade que fez jus ao evangelho desemboca em aburguesa-

libertador” somente pode ser proclamado com credibilidade por aquele que se permite chamar para o discipulado do crucificado. Na convivência, a caminhada rumo à libertação é prelibação da liberdade.

6. Nesta parte queremos refletir sobre as **tendências** relevantes nos campos de trabalho acima citados. Trata-se de **elementos de aprendizado e desaprendizado**, os quais dão os contornos específicos ao processo de inserção do luteranismo na América Latina(51). Convivência sempre já provém de uma **opção** a favor dos pobres e marginalizados, porque brutalidade e cinismo blasfemos estão a clamar aos céus (52). Um segundo passo leva à **conscientização** muitas vezes incômoda sobre a própria história, inclusive sobre a cegueira frente aos desafios, colocando a pessoa diante de mais outras tarefas de aprendizado.

a) Os exemplos por mim citados vivem da intensidade com que se trabalha na **recontextualização do evangelho**. (53) Em cada contexto distinto as pessoas indagam se é legítimo recorrer ao evangelho, e sob que condições, ou como é que o evangelho se apresentaria nas atuais estruturas. Nessa indagação manifesta-se o lugar específico que levou ao surgimento dos textos. Este engastamento histórico bem como o caminho que pode ser demonstrado dentro da história são vistos como intrinsecamente inerentes à forma de apresentação dos textos bíblicos. Neste caminho é decisiva a **encarnação do evangelho nas respectivas realidades** da Galácia, de Corinto, Filipos ou da comunidade de Marcos, etc. Reclamamos no sentido de que se adote um evangelho básico a-histórico ou algo abstrato que fosse especificamente cristão necessariamente encontram resistência. Na sinopse de Bíblia e vida a palavra de Deus acontece como ação consoladora e julgadora, promissora e criativa. Idéias ou sistemas teológicos do Primeiro Mundo não se

---

mento e cumplicidade com os poderosos. A história da Igreja Presbiteriana no Brasil confirma essas afirmações (cf. João Dias de ARAÚJO, in: **Cadernos do ISER VII** (ver nota 6) pp. 28ss; H.J.PRIEN, (ver nota 11), 1978, pp. 840ss.

- (51) Com isto não se pretende dar a entender uma assimilação acrítica da situação dominante.
- (52) Cf. Manfred HOFMANN, **Identifikation mit dem Anderen**, Göttingen 1978, especialmente pp. 57ss; 152ss.
- (53) Cf. Ulrich SCHOENBORN, **Evangelium — Ferment der Befreiung. Bibelverständnis und befreiender Umgang mit der Bibel in Lateinamerika**, in: **Deutsches Pfarrerberblatt**, 82, 1982, pp. 202ss.

deixam transplantar sem mais nem menos. **Para ser autêntica, a teologia precisa tornar-se autóctone.**

Na forma de lidar com o evangelho observo dois fatores de salientar aqui:

aa) A **linguagem bíblica** não tem validade ou compreensão transnacional, muito menos ela é relevante, sem mais. Conceitos ou conteúdos que na Alemanha não têm significado algum, têm inesperado vigor na América Latina. Ao passo que aqui eles levam vida obscura, ali se reúne em torno deles todo um programa, difícil de ser compreendido por aquele que não está familiarizado com o contexto. No exemplo de "evangelização, conversão, justiça, povo, etc" ou na função social dos sacramentos pode-se perceber a realidade da **camuflagem linguística**. (54) Aquilo que parece plausível ao europeu não merece valor absoluto nem caráter de monopólio. Em todos os casos **a semântica não é neutra em termos de contexto**.

bb) Como segundo fator citemos a **ideologização da verdade teológica**. Justamente os luteranos tiveram que fazer a experiência de que a doutrina da justificação ficou incompreensível para a maioria dos membros da comunidade. Foi-lhes mostrado ainda como o sistema político e seus lacaios usurparam os princípios do "**sola gratia**" e do "**extra nos**". A filosofia estatal (ideologia da segurança nacional) foi sublimada por categorias messiânicas e estruturas salvacionistas, fazendo com que estas perdessem sua qualificação teológica unívoca. Quando a proclamação da Igreja interpreta ingenuamente textos da Epístola aos Romanos, isto é, sem analisar aquela ideologização, ela se torna cúmplice do poder e trai o evangelho, o qual, afinal de contas, quer libertar dos poderes. (55) Sempre é preciso voltar a contestar o "**sola gratia**" da filosofia estatal dominante. Ser **igreja da palavra** obriga antes ao **não-conformismo** que à reivindicação de possuir verdade atemporal.

---

(54) Cf. os trabalhos de Walter F. HOLLENWEGER, p. ex. Evangelisation, in: **Concilium** 134, 1978, pp. 445ss; *Erfahrungen der Leibhaftigkeit. Interkulturelle Theologie I*, Munique 1979; *Umgang mit dem Mythos. Interkulturelle Theologie II*, Munique 1982; ou de Hans Ruedi WEBER, **Kreuz und Kultur. Deutungen der Kreuzigung Jesus im neutestamentlichen Kulturraum und die Kulturen der Gegenwart**, Lausanne/ Genf 1975.

(55) Cf. Hugo ASSMANN, *Das Evangelium des Technologismus. Technologie und Macht aus der Sicht der Theologie der Befreiung*, in: H. GOLDSTEIN, ed., **Befreiungstheologie** (ver nota 5) pp. 50ss; e ainda a coletânea: **La lucha de los Dioses. Los ídolos de la opresión y la búsqueda del Dios Liberador**, Managua/ Costa Rica 1980; principalmente pp. 195ss o artigo de F. HINKELAMMERT. Sobre a ideologia da segurança nacional in-

b) Efeitos produtivos está tendo entre os luteranos a **redescoberta da encarnação**, isto na medida em que se abandona uma cosmovisão dualista de natureza ontológica. **A igreja se encarna na realidade, porque seu Senhor nela entrou até a morte na cruz.** Por isso não é possível confundir o amor de Cristo com tolerância face ao mal, ou a cruz de Cristo com passividade, a reconciliação com acobertamento de contrastes. Com o sistema político não pode haver comprometimento ou acordo de convivência pacífica, quando ele aceita que poderosas nações industriais sufocam um povo política, social e culturalmente com auxílio de oligarquias locais. Já em 1969 uma conferência da ISAL exigira: "Neste contexto a possibilidade de decisão da igreja consiste em estar ao lado do povo que luta pela libertação da América Latina, e não ignorar uma situação que clama aos céus por justiça, mas tomar plena consciência da mesma". (56) **Adoção do contexto, troca de lugar, latino-americanização do luteranismo, rompimento epistemológico com as tradições trilhadas e opção em favor dos pobres e contra a pobreza** são tópicos a sinalizar a eclosão de um novo tipo de cristianismo. Com o termo-chave da **convivência** procurei descrever revivência (Nachfolge) da encarnação (57) como **elemento propulsor de uma igreja em surgimento**. Trata-se da postura de solidariamente viver, aprender, sofrer e ressurgir na comunidade dos pobres.

Convivência não passa estusiastamente por cima de diferenças, conflitos e adversidades existentes. "Não é buscando a igualdade que se resolvem os problemas do cotidiano do mundo"; tanto assim que se pode continuar o pensamento de Ernst Käsemann quando se cultiva ilusões. (58) "**Solidariedade** é a divisa, e não uniformidade... (sc. Esta) é a morte da solidariedade". (59)

---

forma Hans SCHRÖPFER, **Lateinamerikanische Befreiungstheologie**, Stuttgart/Berlim/ Köln/ Mainz 1979, pp. 50ss.

- (56) Citado conforme H.J. PRIEN (ver nota 11) 1981, pp. 321; ISAL = **Iglesia y Sociedad na América Latina**, uma associação de teólogos protestantes progressistas na América Latina, cuja organização, entretanto, foi liquidada após 1973 em consequência dos regimes militares a se alastrarem; cf. Julio de SANTA ANA, Der Einfluss Bonhoeffers auf die Theologie der Befreiung, in: Hans PFEIFFER, ED., Genf 76. **Ein Bonhoeffer-Symposium**, Munique 1976, pp. 151ss.
- (57) A formulação vem de M. HOFMANN (ver nota 52) pp. 156s; cf. também Hermann BRANDT, In der Nachfolge der Inkarnation, oder: Das 'Auftauchen Gottes' in Lateinamerika, in: **ZThK** 78, 1981, pp. 367ss.
- (58) Ernst KÄSEMANN, Das theologische Problem des Motivs vom Leibe Christi, in: **Paulinische Perspektiven**, Tübingen 1969, pp. 178ss, 206.
- (59) *Ibd.*; cf. Johann B. METZ, **Glaube in Geschichte und Gesellschaft**, Mainz 1977, pp. 204ss; Horst Eberhard RICHTER, **Lernziel Solidarität**, Hamburgo 1980.

Igreja como corpo de Cristo respeita a abundância de dons e possibilidades. Isto é uma **provocação** principalmente para o **teólogo oriundo de socialização intelectual e burguesa**, uma vez que diante do povo ele se vê novamente na situação daquele que está aprendendo. Ele precisa dar-se conta de que o pobre adquiriu sabedoria em relação à vida, competência prática e sensibilidade religiosa, sem ter participado de cursos universitários. **Convivência busca uma permuta de conhecimento para libertação de ambos os lados**, (60) pois também o intelectual está preso! Por isso a abertura para a manifestação do religioso, para o discurso da vida real e a disposição de aceitar essa articulação faz parte das virtudes primordiais de existência solidária.

A **liberdade** na convivência recebe do **Jesus crucificado a sua legitimidade**. Em termos paulinos (Rm 8.29; Gl 5.1ss) essa liberdade é expressão da filiação divina bem como **nota ecclesiae**. Portanto cada um dos que vivem na convivência é "retrato espelhado do seu Senhor" respectivamente "em sua situação... o vigário de Cristo, até a morte" (61) **Igreja partindo dos pobres corresponde à presença coletiva de Jesus Cristo nos pequenos**, pobres e marginalizados, nos malditos do sistema. Em outros termos: **eclesiologia orienta-se incondicionalmente no crucificado**. Nele surgiu para os pobres um dos seus, o primogênito dos irmãos, uma pessoa de referência dos irmãos, uma pessoa de referência superior a todos os santos. Sua postura e sua palavra - ação (Tatwort), sua celebração do reino de Deus entram na perspectiva de esperança da convivência. Com o caráter metafórico de sua história o **Jesus crucificado define a identidade da igreja**: ele é a identidade. Uma vez **dada** esta identidade, ela deve ser **realizada tomando o partido** dos irmãos e irmãs pobres de Jesus.

Da interdependência de eclesiologia e cristologia resulta que a **identidade no discipulado da encarnação** é por natureza orientada pelo conflito. Os crentes confessam: "Porque eu estou bem certo de que nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem cousas do presente, nem do porvir, nem poderes, nem alturas, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor" (Rm 8.38s). Consciência de liberdade e autocompreensão

---

(60) Ver nota 28.

(61) Ernst KÄSEMANN, op. cit., p. 206

aprofundam-se nas tribulações, hostilidades e conflitos com o Estado ou com as instituições civis. **Depor** contra os interesses destes e em favor da vida implica no **martírio** (cf. Jo 15. 13). Neste ponto a situação da Igreja luterana não se distingue da experiência dos seus irmãos e irmãs católicos. (62) A aceitação consciente de sofrimento na luta contra o sofrimento e suas causas(63) sempre conduz para fora da esfera teórica. Em outras palavras: Quem se levanta contra os demônios do presente e nisto se reporta ao crucificado, este de repente se vê marginalizado, num clima de conspiração com todos os riscos inerentes. Mas isto faz parte do discipulado de Jesus.

7. É bom que surja certo espanto ao se falar de igreja de confissão luterana na América Latina. Pois é isto o que importa: que na experiência dos outros percebamos o que o evangelho tem de surpreendente. Também a tradição luterana porta dentro de si potencialidades que se desdobram justamente no Terceiro Mundo. Numa perspectiva eurocêntrica elas facilmente ficam desapercibidas.

Além do espanto, ainda ficamos assustados com a insensibilidade existente no contexto europeu frente às vítimas de violência econômica e política, assustados com o silêncio face à humilhação e injúria. A confissão de que Cristo é Senhor do mundo inesperadamente se transforma na mais violenta contestação de prática de poder, estratégia de mercado e razão instrumental (**instrumentelle Vernunft**), sinais da identidade ocidental. Talvez essa aporia volte a despertar a consciência para uma tendência reprimida no luteranismo alemão, a qual, representada por D. Bohnhoeffer, H.J. Iwand, E. Wolff, H. Gollwitzer, E. Käsemann e. o., pregou igreja como um estar a caminho a serviço e no discipulado do crucificado. O problema do transplante se reduz à mera questão teórica, no momento em que os olhos da fé passam a enxergar o crepúsculo dos deuses.

Traduzido por Walter O. Schlupp

---

(62) Cf. Martin LANGE/ Reinhold IBLACKER, ed., **Christenverfolgung in Südamerika**, Freiburg 1982, 2ª ed.; Johannes MEIER, **Selig, die hungern nach Gerechtigkeit**, Würzburg 1981.

(63) Formulação de Leonardo BOFF.